

O CARRO PRETO



Dr. Bartô

www.drbarato.com.br



Baseado nas histórias originais
do Dr. João Paulo Becker Lotufo

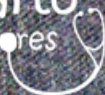
Texto: João Paulo Becker Lotufo
e Marcelo Freddi Lotufo

Ilustração: Bia H. Sampaio

Diagramação: Estúdio LucMarc



Dr. Bartô
e os doutores
da saúde





O CARRO
PRETO



Era a primeira consulta de Patrícia no consultório do Dr. Bartô. Bom, a primeira consulta como mãe, porque Patrícia já havia visitado o Dr. inúmeras vezes quando pequena, como paciente. Sempre que tinha uma tosse, uma coceirinha, ou um olho roxo, era o Doutor quem ela procurava. Mas o tempo passa e as pessoas crescem, e não foi diferente com a Patrícia, que parou de ir ao pediatra, até que um dia, boom!!!, conheceu o Jorge e, conversa vai conversa vem, se casou. Nove meses depois, achou o Tiaguinho dentro de um repolho (bom, na verdade a história é mais complicada e envolve amor, cromossomos e compromissos, mas não vamos explicar agora. Deixamos isso ao encargo do adulto responsável. O importante é que, de paciente, a Patrícia passou a mãe de paciente e, para a alegria dela e do Dr., voltou ao consultório agora em outra etapa de sua vida, carregando o Tiaguinho no colo. Não há nada mais especial para um pediatra do que



uma pacientezinha que o Dr. viu crescer voltar ao consultório com um novo paciente no colo, recém-saído do forno, ou da feira. Enfim, você sabe como é, filho de paciente, paciente é.

Patrícia e Jorge não viam a hora de apresentar o pequenino ao Dr. e à Tânia, sua secretária, além de quererem saber se tudo andava bem com o mais novo integrante da família. E, quando chegaram com o Tiaguinho no consultório, embrulhado que nem um pacote e dormindo que nem um anjinho, todos estavam esperando por eles, prontos para fazer uma grande festa.





“Pode entrar,” falou a Tânia, “o Dr. está ali na sala, esperando por vocês. Parece que foi ontem que você esteve aqui pela primeira vez, Patrícia, pequenina como ele. Uma graça.”

E, quando Patrícia entrou na sala, não foi pior recebida pelo Dr. Bartô, que também não via a hora de conhecer melhor o seu mais novo paciente.

“Ah, aqui está o nosso pacientezinho,” ele falou, pegando o Tiaguinho no colo sem que ele acordasse, daquele jeito que só os médicos sabem fazer, e colocando-o na balança para descobrir o seu pesinho. “Sabe, Patrícia,” ele continuou, “é sempre uma alegria ver uma paciente voltar aqui com um filhinho. Fico muito feliz por você e pelo Jorge.” E, como um bom médico, de memória quase infalível, completou: “você tinha cinquenta e três centímetros e três quilos e setecentas e cinquenta gramas em sua primeira visita. Quase igual ao Tiaguinho. Que maravilha. Promete saúde!”



Auscultado, medido e examinado, o doutor teve o prazer de informar a Patrícia e o Jorge, estes pais de primeira viagem, que tudo andava de acordo com o planejado para o pequenino e que, se ele continuasse crescen-

do e comendo assim, iria acabar sendo jogador de basquete ou de vôlei, além de, logicamente, astronauta e engenheiro. Isso se a escolha dependesse do Jorge que não via a hora de ensinar para ele a bendita matemática.



Apesar do humor do doutor e da saúde de ferro do pequeno, Patrícia parecia um pouco preocupada. Jorge ainda disse, “deixe disso Patrícia, e vamos brindar esta notícia com um belo copo de suco de abacaxi,” que era o suco preferido tanto de Patrícia como de seu marido e uma das razões porque tinham se casado. Mas a Patrícia não estava muito para brincadeiras ou suco de fruta e, olhando para o doutor, que já vira tantos pequeninos como ela e o Tiaguinho passarem por aquela sala, pediu para se confessar. Médico, às vezes, também é um pouco padre ou psicólogo e tem de saber improvisar.



“Sabe, doutor”, ela disse, “eu ando um pouco preocupada. E não é com a saúde do pequeno não, que, como você já disse, está forte que nem prego em concreto. Na verdade é o futuro que me aflige, doutor, o futuro.”

O doutor, um pouco espantado com a preocupação de sua mãe-paciente, que soava quase igual a uma cartomante, ainda tentou, com seu humor de tio-avô, consertar a situação. “O futuro, Patrícia? Mas o pequeno acabou de nascer.



Tente aproveitar o presente, afinal, daqui a pouco ele já está tirando carta de motorista e mudando para a casa da namorada contra a vontade dos pais. Tempos modernos, sabe...”

“Mas é exatamente isto que me aflige, doutor,” respondeu a Patrícia. “O tempo passa tão rápido. Parece que foi ontem que eu estive aqui, nessa mesma balança. E agora estou aqui, com este menino no colo e este marido do lado, tendo que dar tudo para eles, de comida a



sabedoria. E eu fico um pouco assustada, sabe, que nestes tempos selvagens as pessoas crescem sem se preocupar umas com as outras, sem lembrar que o importante não é o dinheiro, mas a família, os amigos e, enfim, que o importante é ter uma vida saudável onde a gente quer o melhor para todos e não só para a gente...”

O Dr., entendendo que a preocupação da Patrícia era séria, puxou uma cadeira e se sentou ao seu lado, e, como já tinha muitos anos de experiência como médico e conselheiro, sabia como ajudar. “Sente-se aqui, Patrícia,” ele falou, “deixe o pequeno com o Jorge um pouquinho que eu vou te contar uma história que eu acho que tem tudo a ver com estas suas preocupações. O tempo voa, é verdade, e o



mu ndo anda cada dia mais biruta, mas existem jeitos de a gente ajudar nossos pequenos a não se deslumbrarem com estas loucuras e aprenderem as coisas realmente importantes como estas aí que você falou.”

E, com uma voz de Paulo Autran, incorporando o verdadeiro narrador brasileiro, foi esta a história que o doutor lhe contou:



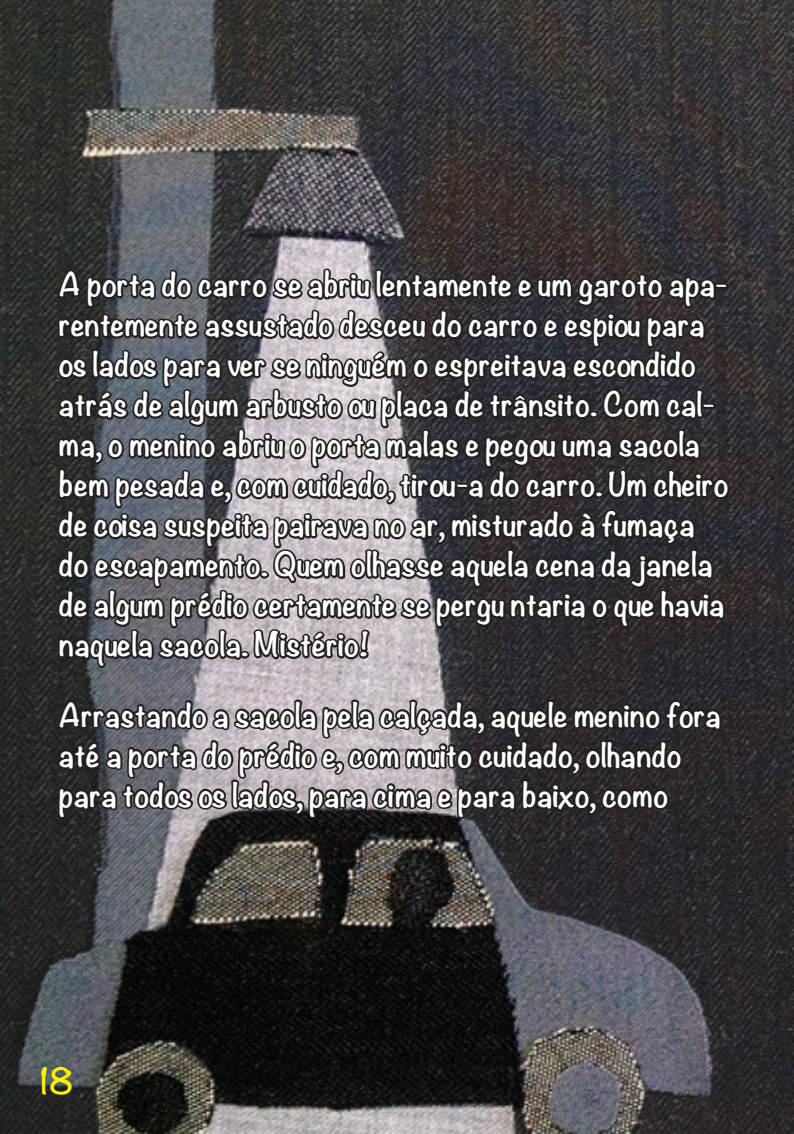
Era um dia normal, em um tempo muito esquisito. O ano era 1964, nem você nem o Tiaguinho existiam. Há alguns meses houvera um golpe militar que levava o Brasil a ficar vinte anos sob os auspícios do exército. Naquela época, todo mundo tinha medo de todo mundo, porque amigo entregava amigo por motivo nenhum, e as pessoas e o governo tinham esquecido de coisas tão importantes como o devido processo e a presunção de inocência (pergunte para sua



mãe, que ela explica estas coisas esquisitas...). Não vamos nem falar da constituição, feita em pedaços pelos aventureiros da hora... Nesta rua, uma das muitas de São Paulo, lá perto da avenida Brigadeiro Luiz Antônio, ficava um prédio muito esquisito e escuro, que, nos olhos de uma criança, parecia uma casa mal assombrada.

Naquela tarde, contrariando a quietude normal das tardes, um carro preto, daqueles de filmes de gangster americano, virara repentinamente a esquina, brecando com grande violência e parando na porta daquela grande casa antiga e suspeita.





A porta do carro se abriu lentamente e um garoto aparentemente assustado desceu do carro e espiou para os lados para ver se ninguém o espreitava escondido atrás de algum arbusto ou placa de trânsito. Com calma, o menino abriu o porta malas e pegou uma sacola bem pesada e, com cuidado, tirou-a do carro. Um cheiro de coisa suspeita pairava no ar, misturado à fumaça do escapamento. Quem olhasse aquela cena da janela de algum prédio certamente se perguntaria o que havia naquela sacola. Mistério!

Arrastando a sacola pela calçada, aquele menino fora até a porta do prédio e, com muito cuidado, olhando para todos os lados, para cima e para baixo, como

quem não quer ser visto, tocou a campainha. O carro, ligado o tempo todo, soltava fumaça pelo escapamento, pronto para sair cantando pneu assim que o menino voltasse para dentro dele.

Sem esperar alguém abrir a porta, o menino voltou correndo para o carro estacionado que, sem demora, acelerou com pressa para se perder na imensidão da cidade. Antes de desaparecer na primeira esquina, entretanto, o menino ainda conseguiu ver, pelo retrovisor do carro, alguém sair daquela grande casa, olhar para os lados e, sem mais nem menos, antes de bater a porta do casarão, puxar a sacola misteriosa para dentro. O menino, dentro do carro que acelerava, sentia ter cumprido sua missão.

Mas o que havia naquela sacola? A cena suspeita levaria a imaginação de qualquer observador às alturas. Talvez algum material contrabandeado da Bolívia. Algum carregamento ilícito de polpa de abacaxi, ou dinheiro suficiente para comprar o Havaí. Ou, talvez, panfletos políticos, proibidos pelos déspotas do momento.

Se alguém podia solucionar o mistério do carro preto, entretanto, era o próprio Dr. Bartô. Na verdade, aquele menino não era ninguém mais ninguém menos do que o próprio Dr., ainda sem jaleco e barba, vestindo o uniforme do colégio. E aquela casa grandona que, graças à especulação imobiliária virou um prédio ainda maior, era um pequeno orfanato. Calma Patrícia, o Doutor, apesar de descendente de italianos da Calábria, não era de uma família mafiosa ou

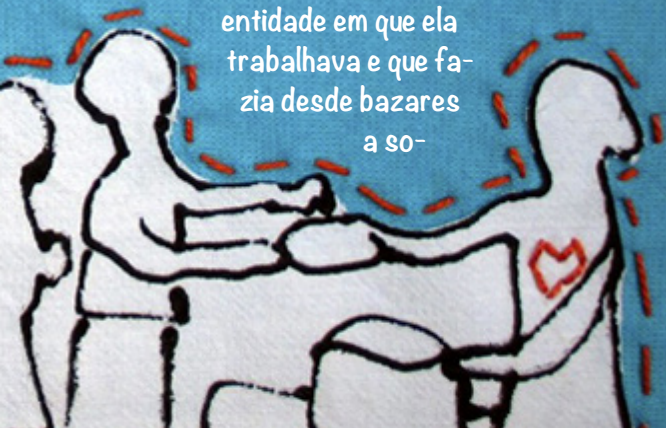
coisa que o valha. Ainda assim, ele gostava de uma aventura e, aquela viagem ao orfanato, que ele



repetia uma vez por mês, era somente uma delas. A família do Dr. entregava quando podia uma cesta básica naquele orfanato. Um jeito de, quando todo mundo tinha medo de fazer o bem, continuar ajudando quem precisava.

O motorista do carro, sempre fumando seu cachimbo e usando um belo terno de casimira inglesa, era o pai do Dr., o seu Quico. Ele tinha o seu jeitão de ajudar os outros, mas não vamos ficar falando dele aqui, porque a história ficaria muito grande para o tamanho deste livrinho. O importante, levando-se em conta a pergunta da Patrícia, é o jeito que o seu Quico achou para passar para o Doutor esta sua vontade de ajudar os outros e de deixar para aquelas crianças um pouco do carinho que elas não tinham. Se naqueles dias de cesta básica o Dr. fingia entregar uma mercadoria suspeita naquele prédio, noutros dias ele ajudava sua mãe em atividades do Exército da Salvação, uma

entidade em que ela
trabalhava e que fa-
zia desde bazares
a so-



pões para moradores de rua. E, assim, com o exemplo de seus pais, o doutor aprendeu desde pequeno que o mundo não girava em torno de seu umbigo e que valia mais apenas ajudar os outros do que viver para si mesmo.

“Então, Patrícia,” continuou o Dr., “no fundo no fundo, só há uma coisa que nós, como pais, podemos fazer. É dar o exemplo. O mundo pode às vezes parecer louco, egoísta e triste, mas nós não precisamos ser assim. Podemos nadar contra a corrente e, com o exemplo, mostrar para os pequeninos como o Tiaguinho que as coisas podem e devem ser diferentes; que o importante é não vivermos só para a gente, mas buscar o bem comum, que, no fim, também é o nosso. E, mesmo de um ponto de vista médico, isto é uma coisa importantíssima, sabia? As crianças que se envolvem em projetos sociais e se preocupam com as demais pessoas tem muito menos chances, por exemplo, de entrar para as drogas ou de começar a fumar. Mas tudo, e foi isso que meus pais me ensinaram, começa em casa, com o nosso exemplo.”

A consulta, entretanto, chegava ao fim e o doutor precisava se preparar para receber seu próximo pacientezinho. Patrícia, entretanto, saía do consultório com duas certezas que a deixaram muito feliz e aliviada. Uma, a saúde do Tiaguinho e, duas, que eram ela e o Jorge que



precisavam dar o exemplo para ele, mostrando que ainda existem no mundo pessoas que se importam com os outros e que buscam o bem comum. Afinal, não vivemos sozinhos no mundo, mas somos parte de uma comunidade, a qual, acreditem, só faz bem servir. E, felizes e saudáveis, sabendo que poderiam

fazer a diferença na vida do Tiaguinho e também na de outras muitas pessoas, Patrícia e Jorge foram juntos tomar um belo copo de suco do saudoso e diurético abacaxi.



5 itens importantes para sua família não entrar nas drogas:

- Espiritualidade
- Família unida e com limites
- Atividades culturais
- Atividades sociais
- Bons amigos

Problemas com: Álcool, Tabaco e Maconha?

Ligue Dr Bartô: (11) 3024-7490

www.drbartô.com.br

